

Um tom religioso envolveu a festa intima e sua atuação no palco

O REI ROBERTO CARLOS COMEMORA MISTICAMENTE SEU 53º ANIVERSARIO TRABALHANDO NO RECIFE





LÍLIAN, A NOVA MULHER DE RENATO ARAGÃO, TEM 29 ANOS A MENOS E 15 cm A MAIS

Um júri de todo o Brasil as escolheu à perpetuidade HALL OF FAME: AS 5 BRASILEIRAS MAIS BEM VESTIDAS

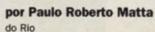
MARIANA RICUPERO, FILHA DO MINISTRO DA FAZENDA, QUER SER UMA AMAZONA CAMPEĂ



## DORIVAL CAYMMI 80 ANOS MULHERENGO IRREFREÁVEL E MÚSICO GENIAL

Feliz com tudo que construiu na vida, ele só se entristece quando diz que a Bahia o esqueceu.



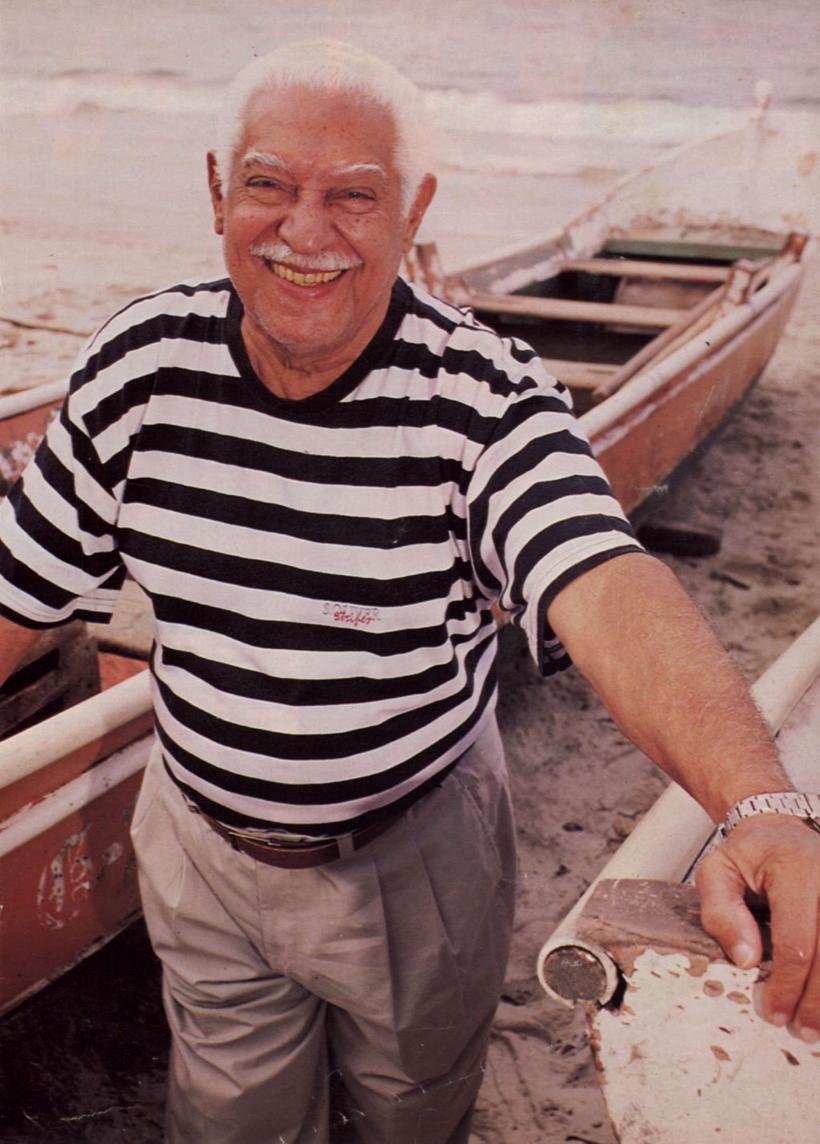


velho pescador está "de mal" com a terra que consagrou internacionalmente. A dois dias de completar 80 anos, em 29 de abril, o mestre baiano Dorival Caymmi se vale da expressão usada em um verso da sua eterna canção Marina para, sem meias palavras, demonstrar o ressentimento por se achar esquecido pela terra natal. "Não existe o cultivo da memória. As novas gerações da Bahia me esqueceram. Só se cultua, hoje, o que pertence ao tempo presente", afirma um Caymmi que só apaga o largo sorriso ao tratar de assuntos como esse. A seu lado, no apartamento em Copacabana, Zona Sul do Rio, a esposa, Stella (72), é mais incisiva ao falar sobre o descaso da Bahia com um de seus filhos mais pródigos: "A Bahia não reconhece, por exemplo, que, se existe hoje ali um turismo, isso se deve, em grande parte, às canções do Caymmi. Ninguém se preocupou em homenageá-lo, em enaltecer uma vida dedicada ao trabalho".



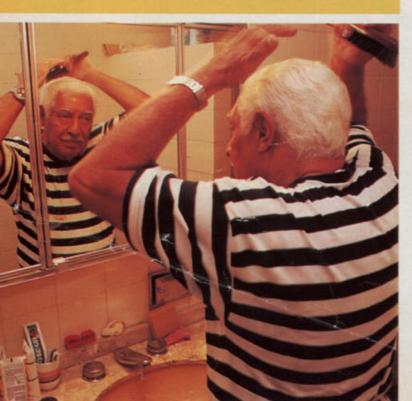
Em Copacabana, ao lado da mulher e eterna musa, Stella, o autor de obras-primas da MPB cultiva o amor pelo mar e a pescaria cantado em suas melodias geniais.







Acima, em pose para álbum de família, Caymmi com a mulher, Stella, os netos Denise e João e os filhos Nana e Danilo. Na página ao lado, Stelinha, xodó dos avós e biógrafa autorizada do genial patriarca do clã, que aos 80 ainda se dedica às artes da sedução e não vê razão (abaixo) para pôr de lado pequenas vaidades.



Se mágoa existe, arrependimento e decepção são palavras que Dorival Caymmi prefere nem pronunciar. Passado o desabafo, os dentes, alvos como os cabelos, voltam a aparecer em um sorriso sincero de alguém que se diz agradecido pelo que a vida lhe proporcionou. Se faltam homenagens na Bahia, o mesmo não se pode dizer de São Paulo e do Rio de Janeiro, lugar para onde veio de malas e bagagens em 1938, sonhando, com uma faculdade de Direito - sonho arquivado diante dos conselhos dos amigos para que se dedicasse apenas à música. Orgulhoso pela edição de seu songbook, feito por Almir Chediak, Caymmi não pára de dar entrevistas e, com a memória afiada, ajuda a neta Stella (30), filha da cantora Nana Caymmi (52), a preparar a biografia de sua vida. "Prefiro que fique tudo em família. Uma biografia escrita por um estranho pode criar fantasias. Sou pragmático e só gosto de passar informações exatas", diz Caymmi. Para os empresários e políticos, uma dica: por enquanto, a biografia do cantor e compositor não avança por falta de patrocínio. Stella, apelidada pelo avô de "estrangeirinha", por ter nascido na Venezuela, recebeu o nome que deveria ter sido dado à avó. A esposa de Caymmi acabou sendo batizada pelo pai como Adelaide, mas a mãe, inconformada, insistiu em chamá-la pelo nome que preferia. Ficou Stella para a vida inteira.

Cada vez mais caseiro, Dorival Caymmi pouco sai à noite e tampouco gosta de viajar, para tristeza de sua mulher. Cansada de esperar em vão pela companhia do marido, Stella entregou a um marchand carioca telas de Di Cavalcanti e Volpi, entre outros, para que, com o dinheiro arrecadado no leilão, possa conhecer lugares do País onde nunca esteve. Os limites territoriais brasileiros não deverão, no entanto, ser vencidos por Stella. Sofrendo de forte claus-



"Não existe o cultivo da memória. As novas gerações da Bahia me esqueceram. Só se cultua, hoje, o que pertence ao tempo presente."



trofobia, ela não viaja de avião e teve, até, que mudar-se de uma cobertura onde o casal morava, em Copacabana, para o apartamento onde hoje se encontram, no primeiro andar do edifício. "Vi a morte de perto — fui parar cinco vezes no hospital por problemas cardíacos no ano passado — e resolvi conhecer coisas novas, queira o Dorival ou não. Ele se basta mas eu sinto necessidade de conversar com outras pessoas", reclama Stella.

A companheira de 54 anos, que Dorival conheceu quando ela se apresentava em um programa de calouros da Rádio Nacional com o nome artístico de Stella Maris, é só elogios ao marido. Ou quase. Com uma sinceridade crua, ela tanto diz que Dorival é um grande companheiro, ótimo pai, avô e bisavô, além de compositor de primeira, quanto não se furta a revelar um lado escondido da personalidade do baiano mais carioca que existe: o de sedutor incorrigível, homem de várias

amantes. Uma delas, conta Stella, chegou a tentar o suicídio por Dorival. "Eu disse a ela que o levasse, se quisesse, mas que deixasse comigo os direitos autorais das músicas dele", brinca. Para desconforto de Caymmi — o que até hoje rende risos a Stella —, as duas se tornaram amigas e a antiga amante passou a freqüentar a casa dele e a

jogar buraco em companhia do casal e de mais um amigo. "Sempre tive um grande poder de sedução (chegou a estrelar o filme Estrela da

Manhã, escrito por Jorge Amado) mas a grande paixão de minha vida foi, é e sempre será a Stella", garante Caymmi, abrindo mais um sorriso e emendando: "Hoje, uso o charme que se possui aos 80."

No apartamento de Copacabana, a simplicidade é a tônica. Embora garanta jamais ter tido a preguiça que muitos atribuem a ele, Dorival faz uma espécie de profissão de fé ao falar da vida espartana que ele e a família sempre levaram: "Sempre tive uma enorme falta de vocação para ser rico. Nunca fui um dinheirista. Essa decantada preguiça, na verdade, é o maior espanta-chato que existe. Muitas vezes, quando querem me chamar para algum

"Faço cada música

como se fosse um

filho. Portanto, não

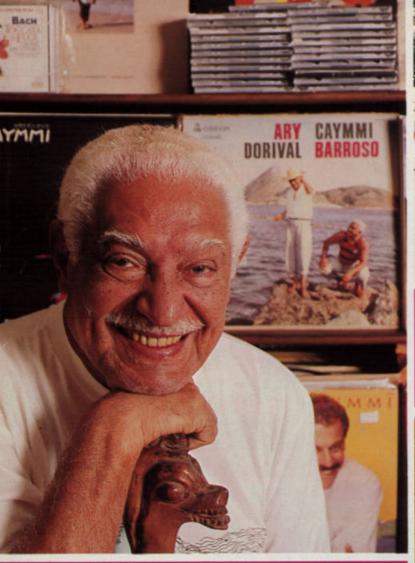
prefiro uma à outra."

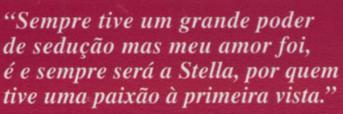
trabalho ou programa desagradável, as pessoas pensam: 'Ele não vai querer ir, é uma tartaruga', e eu escapo". Ainda sobre a vida de homem

de classe média que leva, Caymmi resume: "Posso nunca estar com dinheiro sobrando mas também ele nunca está faltando. Quando tive dificuldades, sempre pude contar com os amigos". Entre eles estão o escritor Jorge Amado, que foi seu padrinho de casamento, o compositor Fernando Lobo e o pintor baiano

Carybé. Deste e de Jorge Amado, Caymmi ganhou parte da enorme coleção de bengalas que mantém em sua sala de estar. Outro amigo, já falecido, de quem o baiano fala com muito carinho, é o jornalista Samuel Wainer, que foi o padrinho de Stella no casamento e confiou a Caymmi uma coluna no encarte O Flan do jornal Última Hora. De Ary Barroso, de quem foi parceiro nos anos 40, o baiano herdou o amor pelo Flamengo: "Sou Flamengo mesmo sem entender de futebol. Mas não poderia ser diferente, depois de ser apresentado pelo Ary a gênios como o zagueiro Domingos da Guia e o inventor da bicicleta. Leônidas da Silva".

Cético quanto ao momento que o Brasil, como um todo, atravessa — "Não tenho mais o otimismo que já tive"—, Dorival Caymmi ainda tem no Rio uma grande paixão. "Fico muito à vontade no Rio. É uma cidade linda. Ainda me lembro dos primeiros banhos de mar que tomei





na cidade, na antiga praia das Virtudes (próxima ao Aeroporto Santos Dummont). A orla marítima continua maravilhosa como sempre foi", avalia. Mesmo assim, é no quarto-escritório, com um headphone para ouvir sozinho peças de música clássica (preferência para Brahms, Debussy e Ravel), que ele garante sentir-se melhor. Católico por formação, adepto há vários anos do candomblé, Caymmi tem em casa uma coleção de guias das entidades que venera. "Venero mas não peço favores aos orixás. Só quero que me ajudem a me conservar feliz", diz o amigo da lendária Mãe Menininha do Gantois que, em certa ocasião, disse a Caymmi que ele era um iluminado e tinha a proteção de todos os orixás. Com o tempo, o baiano acabou convertendo sua esposa ao candomblé — "Ela é filha de Ogum".

Um dos sobrenomes mais res-

peitados da música popular brasileira, Caymmi foi mantido pelos três filhos de Dorival em seus nomes artísticos. **Dori** (50), filho do meio, vive hoje nos Estados Unidos, depois de ter trabalhado por muito tempo com **Tom Jobim**. O caçula da família é **Danilo** (46), que con-

sidera o pai "um dos pilares onde o Brasil musical se apóia, juntamente com Tom Jobim, Ary Barroso e Pixinguinha". Também Nana tem

adoração pela obra de Dorival, que considera, até, um dos precursores da Bossa Nova. Sobre suas composiões prediletas, Dorival sai-se como um mineiro. "Faço cada canção como um filho. Gosto de todas por igual", afirma, para, logo em seguida, trair-se, admitindo ter em O Mar e Marina, pérolas da MPB, suas obras mais queridas.

Outro talento artístico de Dorival, não muito conhecido de seu público, é a pintura. Embora já tenha pintado com mais intensidade do que hoje, Caymmi ainda passa para a tela branca a inspiração que prefere

"Sou feliz. A família,

os amigos e a música

são meus grandes

patrimônios."

exprimir em traços do que em versos. Em uma parede da sala de estar do apartamento de Copacabana, um belo retrato a óleo da sua

mulher, Stella, pintado em 1944, faz companhia aos outros quadros de pintores amigos que não serão leiloados. No pequeno quarto que serve de escritório a Caymmi, além de diplomas como os de "Amigo da Marinha" e "Fundador da Sociedade dos Velhos Mari-

nheiros", enfeitam as paredes quadros do escritor Millôr Fernandes e um do desenhista e cineasta americano Walt Disney, com direito a dedicatória em inglês e tudo.

Assim como na pintura, ele nunca aprendeu música. Autodidata que já surpreendeu os maiores jazzistas dos EUA, os amigos sempre lhe diziam que, caso estudasse, perderia a espontaneidade que tinha e que era um de seus grandes encantos. "Até hoje, sei apenas tocar violão e, mesmo assim, não sou um virtuose", conta. A mais recente composição de Caymmi é Maricotinha, gravada em dueto com Tom Jobim e incluída no álbum recém-gravado por este. Como de hábito, o bom baiano não passou para o papel a composição, acreditando em sua memória. "Em geral, componho música e letra juntas. Fica tudo na minha cuca. Papel, nem pensar."



Na estante de discos que fica em sua sala de estar, Dorival coleciona todos seus trabalhos e os dos filhos. Acima e na foto maior, à direita, à vontade em seu quarto de trabalho, ele parece de bem com a vida. As palhetas e bisnagas de pintura (abaixo) ainda fazem parte do cotidiano de Caymmi.



